

---

## RESENHA

**NANCY CARDOSO.** *O clamor das pedras: Uma introdução às teologias palestinas em diálogo com América Latina*

**The cry of the stones: An with Latin America**



*Tent of Nations.*

“*Recusamos ser inimigos*” – este é o lema escrito numa pedra na entrada de uma fazenda orgânica nas colinas de Belém, Palestina. A fazenda tem mais de 106 anos e luta para existir contra todo o aparato jurídico, político e econômico da ocupação israelense. De tradição cristã-luterana, a família da Tenda das Nações desenvolve projetos de agricultura, de espiritualidade e educação ambiental,

*Na Tenda das Nações, conectamos as pessoas com a terra e com o nosso ambiente comum. Precisamos que eles apreciem este presente maravilhoso que DEUS deu à humanidade e que ajudem a protegê-lo para as gerações vindouras. (TENT OF NATIONS.*

A existência e resistência palestina está escrita nas pedras do território assim como as muitas experiências de Deus e as muitas teologias palestinas. Infelizmente na América Latina conhecemos muito pouco das Teologias palestinas – da libertação, contextual, da terra, pós-colonial, evangélica e feminista. Mais que nomes, podemos aprender da experiência viva que move a teologia.

Um horizonte do *compromisso libertador* comum faz com que as Teologias Palestinas sejam uma interlocução importante para nós na América Latina. As extremas direitas no mundo se articulam como uma ameaça real e uma agenda marcada por populismo, nacionalismo, discurso moral e religioso fundamentalistas, xenofobia, racismo, negacionismo, desprezo pela democracia, militarização e uso criminoso das mídias digitais (Castro, 2024). Há uma relação histórica e direta entre a extrema direita e a defesa do Estado sionista de Israel movida por interesses militares e religiosos:

*A extrema direita global tem tido essa identificação de apoio irrestrito ao Estado de Israel e às políticas israelenses com relação aos palestinos quase que como uma pauta identitária. (...) Há uma aproximação estratégica do Estado de Israel com partidos de extrema direita na Europa, que possuem um histórico de antissemitismo, agora reciclado em islamofobia (Campos, 2024).*

A Palestina vive sob um controle colonial ativo, com um processo histórico de ocupação militar ainda em andamento diferente dos processos de colonialidade pretensamente já assentados e mantidos por práticas de neo-colonialidade (Casanova, 2007). Fazer teologia num contexto como este coloca desafios e alternativas que precisam ser urgentemente conhecidos, não só como um diálogo de solidariedade, mas também como eixo teórico e prático para as lutas de libertação hoje.

A proposta deste número de RIBLA é iniciar um exercício de diálogo e propor um roteiro para se conhecer as teologias palestinas, em especial do Cristianismo Palestino - que não deve ser tratado como uma lembrança histórica de um passado glorioso, mas:

*É uma fé viva com a capacidade de se desenvolver e responder ao contexto político, e de afirmar um papel e uma identidade para os cristãos palestinos, sem a ajuda espúria e a interferência colonialista dos evangélicos ocidentais (Irving, 2013).*

Infelizmente estes possíveis diálogos estão interditados pela falta de tradução de livros e artigos. Faço aqui um possível caminho dentre muitos citando organizações e nomes.

A Teologia da Libertação na América Latina e Caribe e a Teologia Palestina da Libertação têm muito em comum, mas algumas questões devem ser consideradas e mesmo ampliadas a partir da investigação e crítica de Samuel Kuruvilla, 2014 um teólogo da Índia e estudioso do tema com diversos outros autores e autoras.

1. Na América Latina, a maioria dos pobres são tidos como “cristãos” - mesmo considerando os significados plurais e contraditórios desta afirmação - e as igrejas cristãs são historicamente poderosas, também considerando as variações; na Palestina as igrejas cristãs são historicamente enraizadas e com grande visibilidade, mas os cristãos representam uma minoria muito pequena – apenas 2% da população (Bajec, 2022);  
A ocupação militar de Israel da Palestina é o principal fator por detrás da grande migração de cristãos palestinos (Younes, 2017) em especial para América Latina (Raheb, 2012) em especial para o Chile, El Salvador, Honduras e Nicarágua.

Neste sentido é preciso considerar o aspecto de minoria da teologia cristã palestina, mas ao mesmo tempo o caráter internacionalizado e capacidade de socialização, com vozes teológicas em diferentes partes do mundo;

2. A Teologia Latino Americana não trata especificamente da questão nacional: trata das lutas de soberania dos povos, mas numa perspectiva de classe social e cultural e num horizonte comum latino-americano. Neste sentido a opção pelos pobres na América Latina é uma questão de classe. Para Kuruvilla (2014, p.3)

*na Palestina, todos os palestinos são oprimidos; falar de “classe social” na Palestina tem o foco na diferença entre cidade e moradores de aldeias nos Territórios Palestinos, e diferenças sócio-religiosas entre árabes muçulmanos, muçulmanos beduínos, drusos, árabes cristãos e outros grupos muçulmanos não árabes.*

3. O Êxodo é central na teologia latino-americana; Kuruvilla chama atenção para o fato de que o paradigma do êxodo não se aplica à Palestina: os palestinos são as pessoas despossuídas, de quem se toma a terra, o que coloca dificuldades e um diferencial na leitura da Bíblia hebraica; a terra é tema central e comum nas teologias da libertação com enfoques diferentes e vem exigindo autocrítica constante na América Latina; este é um ponto de diálogo difícil e necessário com o protagonismo camponês de *rosto mestizo, indígena, negro, feminino...* (Cañaverl Orozco, Gutiérrez & Silva, 2023). O desafio que se coloca é de ler o Êxodo desde as populações cananéias, dos povos do lugar.

*El segundo libro de la Torá hebrea – Êxodo– es leído por la teología de la liberación como un texto paradigmático de la ruptura con la esclavitud. Más allá de las discusiones interdisciplinarias en las que arqueólogos e historiadores niegan el hecho histórico del éxodo de Egipto allí narrado, la concepción crítica de la esclavitud destaca en la lectura de sus páginas. Para el Êxodo la servidumbre es coyuntural, temporaria, y siempre fija sus miras en la recuperación de la libertad* (Rabinovich, 2018).

4. La teologia palestina, de acordo com Kuruvilla, não tem suporte teórico no marxismo como a teologia latino-americana pode ter (Kuruvilla, 2010); para a teologia palestina o marxismo é uma forma estranha de análise; existe um diálogo expressivo da teologia palestina com as teorias ocidentais, mas o desafio da teologia palestina é dialogar com o oriente do sul global (Sul da Ásia, do Extremo Oriente e sub-África sub-Saariana, por exemplo).

Este estranhamento com os possíveis usos do marxismo também na América Latina existe e vem sendo e recolocado numa perspectiva decolonial e *selvagem*, para além do ocidente (Tiblé, 2013). Arti-

cular a radicalidade profética da teologia com a luta por um futuro decolonizado e soberano para a Palestina exige que críticas estruturais sejam feitas para além dos impasses de projetos reformistas da comunidade internacional

*A inclusão de palestinos como dignos de direitos e liberdade segue aprisionada por retóricas vazias a partir de uma solução de dois Estados que, em vez de construir caminhos de descolonização, faz parte do arcabouço de normalização das relações com Israel, de fato, um estado único colonial* (Huberman; Fernandes, 2023).

5. O autor identifica diferentes abordagens de diferentes grupos de teologia na Palestina *com semelhanças e divergências* de acordo com a relação entre teologia e política: o movimento de teologia contextual ‘Al-Liqa’, o movimento de teologia da libertação ‘Sabeel’ e o movimento educacional, intercultural e ecumênico do ‘Diyar’ que tem, entre seus nomes, Mitri Raheb 1995-2023 expressiva liderança política e teológica que reflete sobre a decolonização de conceitos teológicos - Israel, a terra, eleição divina e povo eleito. A seguir apresento brevemente algumas destas possibilidades traçando uma trajetória de diálogo.

1. “**Al-Liqa**” é a palavra árabe para “Encontro” que expressa os objetivos do *Center for Religious, Heritage & Cultural Studies in The Holy Land* (Centro de Estudos Religiosos, Tradição e Estudos Culturais da Terra Santa): criado em 1982 por vários líderes acadêmicos e religiosos palestinos, muçulmanos e cristãos, abre espaço para um diálogo vivo entre cristianismo, islamismo e o judaísmo na formulação de uma Teologia Contextualizada.

*O componente chave da missão da Al-Liqa é o respeito pela dignidade humana, pela diversidade e pelas crenças do outro. O centro dedica esforços sérios e sustentados para promover a cooperação, a solidariedade e a unidade entre o povo palestino. O Centro Al-Liqa rejeita categoricamente o fanatismo, a segregação, o ódio e o desdém entre o povo árabe e apela à abertura, à igualdade e à tolerância* (Zaknoun, s/d).

O Centro tem uma revista online - Al Liqa Journal (<https://al-liqacenter.org.ps/?p=1702>) com alguns artigos disponíveis em inglês (<https://al-liqacenter.org.ps/?cat=42>) como por exemplo *Christian-Muslim Arab Dialog in the Holy Land* (Diálogo Árabe Cristão-Muçulmano na Terra Santa) de Geris S. Khoury (Khoury, 2006) em que explica:

*A qualidade árabe é original em nós e na nossa história, antes mesmo da ascensão do Cristianismo e do Islã. Uma língua comum e uma história comum nos unem; não existem diferenças sociais, comportamentais ou éticas entre os árabes cristãos e os seus irmãos árabes muçulmanos.*

**2. Comissão Islâmica dos Direitos Humanos** - Em junho de 2005, a Comissão Islâmica dos Direitos Humanos convocou uma conferência de acadêmicos(as), teólogos(as) e pesquisadores(as) intitulada “Rumo a uma Nova Teologia da Libertação: Reflexões sobre a Palestina”, cujos documentos submetidos constituem o conteúdo do livro: *Towards a new liberation theology: reflections on Palestine* (Merali; Sharbaf, 2009).

Na introdução do livro há uma extensa discussão sobre Teologia da Libertação, teologia latino-americana (pp. 11 a 13) e a necessidade de uma teologia da libertação na Palestina.

A contribuição deste livro é a de trazer autores e autoras que não lemos na América Latina, teólogos(as), historiadores e sociólogos(as) de origem no Oriente Médio, de Universidades no Líbano, Irã, Israel entre outros. A insistência em uma “*teologia da libertação universal*” merece atenção e cuidado: o livro discute a libertação da Palestina a partir de realidades e debates fora do eixo ocidental a que estamos acostumados(as).

**3. Sabeel** - Sabeel Ecumenical Liberation Theology Center (Centro Ecumênico de Teologia da Libertação) - é um movimento ecumênico de base da teologia da libertação entre os cristãos palestinos. Sabeel significa em árabe ‘*o caminho*’ e também ‘*um canal*’ ou ‘*primavera*’. Fundado em 1989 sob a liderança de Naim Ateek, 1999 sacerdote anglicano palestino, e autor de *Justiça, e somente Justiça, uma Teologia Palestina da Libertação* (1989) e outros livros.

A metodologia teológica de Sabeel tem as seguintes características e motivações (Fosna, s/d): É uma teologia contextual. da libertação, ecumênica; inter-religiosa faz política a partir de uma perspectiva de fé; faz uma leitura da Bíblia a partir do contexto de uma teologia da terra contrariando o mau uso fundamentalista da Bíblia, em especial a leitura do sionismo cristão; É uma teologia da não-violência como caminho em direção à justiça e à paz autênticas.

A equipe de Sabeel organiza conferências teológicas criando um espaço importante de articulação de teologias da libertação. Em 2024 o tema será “Desafiando o Apartheid e o Extremismo Religioso”, a ser realizado de 17 a 21 de novembro em Belém e online (para mais informações envie um e-mail para [visit@sabeel.org](mailto:visit@sabeel.org)).

**4. Kairos Palestine** (2009) – em dezembro de 2009 um grupo de cristãos palestinos representando uma variedade de igrejas e organizações emitiu um manifesto pelo fim da ocupação da Palestina por Israel, conhecido como **Documento Kairos Palestina**: Um momento de verdade: uma palavra de fé, esperança e amor vinda do coração do sofrimento palestino.

*Declaramos que a ocupação militar das terras palestinas constitui um pecado contra Deus e a humanidade. Qualquer teologia que legitime a ocupação e justifique*

*os crimes perpetrados contra o povo palestino está longe dos ensinamentos cristãos.*

O Documento articula diversas questões teológicas a partir da realidade concreta num esforço de síntese e comunicação com outras partes do mundo para que haja uma interação não só teológica mas de solidariedade concreta com a Palestina, também com lideranças e teologias judaicas e muçumanas que partilham *a mesma visão de que cada ser humano foi criado por Deus e recebeu igual dignidade.*

Uma publicação em português - *Palestina e Israel. A luta pela Paz* Justa (Magalhães, 2012) reúne muitos dos participantes do *Kairos Palestine* numa rara oportunidade de ler diretamente nomes importantes da Teologia em português.

**5. Christ at the Checkpoint** - são Conferências organizadas pelo Bethlehem Bible College com o objetivo de fornecer para os cristãos evangélicos um espaço de

*oração e uma consciência adequada das questões de paz, justiça e reconciliação. Procuramos renovar o apelo bíblico à justiça e à misericórdia em contextos de opressão e obrigar a uma missão unificada da Igreja global. explorando os obstáculos à paz no nosso mundo e as oportunidades para a pacificação que surgem da nossa fé cristã. Bethlehem Bible College, 2024.*

A página da Conferência oferece um blog com textos importantes para entender os temas, a espiritualidade e a metodologia do Christ at Checkpoint, como por exemplo *The False Paradigm of Isaac and Ishmael* - O Falso Paradigma de Isaac e Ismael (Munayer, 2019). Um teólogo importante também do Bethlehem Bible College é Munther Isaac com uma reflexão decisiva sobre *teologia da terra* na Palestina (Isaac, 2012; 2018) em que reformula a Bíblia como um lugar de inclusão em vez de exclusividade, condição para a paz e até mesmo para a reconciliação na terra prometida.

**6. Teologias Feministas na Palestina** – o impacto devastador da ocupação militar de Israel na Palestina é evidente. No entanto, pouca atenção é dada às intersecções de raça, classe, género e sexualidade dentro do projecto colonial de ocupação. Todos os movimentos acima mencionados têm participação de mulheres mas, reconhecer vozes feministas em meio às teologias palestinas, ainda é um desafio. Lembro aqui de algumas teólogas sabendo que há outras.

Marah Sarji, que é cristã palestina e faz mestrado em Antropologia pela Universidade de Tel Aviv e em 2022 participou de um programa online enfatizando numa perspectiva feminista, que a Teologia da Libertação Palestina não deve apenas buscar a libertação do sionismo, mas também do patriarcado, e também deve buscar a libertação de todos os palestinos, não apenas os cristãos No texto *A invisibilidade, a encarnação e Gaza*, Marah diz:

*Maria, como mulher de cultura patriarcal, que engravidou antes do casamento, como mulher cujo papel passou a ser o de mãe que foi definido pelo filho, ela entendeu o que significa invisibilidade... Hoje, ao lermos a história da encarnação, não podemos deixar de afirmar que as mulheres de Gaza são “Marias”... Semelhante a Maria, sob opressão, enquanto desenterram as crianças debaixo dos escombros, a última palavra que sai da sua boca é “Alhamdulillah” , Louvado seja Deus...Esta é a história da encarnação (Sarji, 2023).*

A teóloga e biblista feminista palestina Grace Al-Zoughbi (2021) no texto *God’s Surprising Heseed: Reading Ruth as a Palestinian Woman - O amor hesed surpreendente de Deus – uma mulher palestina lendo Rute*) articula gênero e etnia numa teologia inclusiva.

*a história de Ruth abre um caminho para a inclusão amorosa de mulheres marginalizadas na igreja, na sociedade e na academia. Estas esferas e círculos onde as mulheres são capazes de influenciar com sabedoria e causar um impacto competente além delas mesmas não devem ser exclusivas apenas das mulheres de determinada cor ou raça. Toda mulher deveria ter a oportunidade de crescer e fazer a diferença sem ter que se sentir estranha, excluída, impedida ou indesejada.*

Não se pode ignorar que existe um feminismo árabe (Abdallah, 2011) ou um pensamento e até mesmo uma teologia de mulheres islamistas no Médio Oriente e também na Palestina fruto de uma crítica tanto ao patriarcalismo, bem como do feminismo secular (Tønnessen, 2014). A prática reivindicativa e a sistematização teórica de mulheres faz parte de um debate em curso entre secularistas e islamistas no Médio Oriente pouco conhecido por nós.

*O que elas queriam dizer como Mulheres Islamistas Orientais era que os textos religiosos são abertos, tornando possível forjar para as mulheres um espaço legítimo mais amplo nas arenas públicas. A realidade cotidiana da vida das mulheres ávidas por trabalho, educação e participação política formou uma crítica gradual e crescente dentro do movimento (2010).*

A realidade cotidiana das mulheres em Gaza exigem um teologia feminista antipatriarcal, anticolonialista e antisionista: *Reafirmamos que a Palestina é uma questão feminista e afirmamos que o feminismo é incompatível com o sionismo* (Palestinian Feminist Collective, 2023).

## **Por enquanto**

Escritas nas pedras do território e nas lutas pela libertação, as teologias palestinas merecem nossa atenção, diálogo e tradução. Esta apresentação introdutória quer ser uma contribuição no esforço de RIBLA por uma hermenêutica libertadora da Bíblia e por uma solidariedade ativa e sentipensante com a Palestina.



## Bibliografia<sup>1</sup>

- Al-Zoughbi, Grace, *God's Surprising Heseed: Reading Ruth as a Palestinian Woman*, CBE International (Christians for Biblical Equality), July 5, 2021, <https://www.cbeinternational.org/resource/gods-surprising-heseed-reading-ruth-palestinian-woman/>
- Ateek, Naim Stifan (2017), *A Palestinian Theology of Liberation*, Orbis Books, Maryknoll, New York.
- \_\_\_\_\_, (2008), *A Palestinian Christian Cry for Reconciliation*, Orbis Books, Maryknoll, New York.
- \_\_\_\_\_, (Ed.) (2005), *Challenging Christian Zionism*, Melisende.
- Audeh, Ida, *Tent of Nations Farm Under Attack*, Washington Report on Middle East Affairs, 20/8/2021, <https://www.wrmea.org/israel-palestine/tent-of-nations-farm-under-attack.html>
- Bajec, Alessandra, *How Palestinian Christians are being driven out of Jerusalem*, The Nerw Arab, 13/1/2022, <https://www.newarab.com/analysis/how-palestinian-christians-are-being-driven-out-jerusalem>
- Campos, Rodrigo (2024), *Por que a defesa de Israel une parte da extrema direita e o bolsonarismo?* Brasil de Fato, 16/10/2023, <https://www.brasildefato.com.br/2023/10/16/por-que-a-defesa-de-israel-une-parte-da-extrema-direita-e-o-bolsonarismo>
- Cañaveral Orozco, Gutiérrez & Silva, *Hermenéutica campesina de la Biblia*, RIBLA No. 89, 2023/1, <https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/89.pdf>
- Casanova, Pablo González, *Colonialismo interno (uma redefinição), Colonialismo Interno [uma redefinição]*. In: Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina (2007), “A Teoria Marxista hoje: Problemas e perspectivas”. Buenos Aires: CLACSO. <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacionvirtual/20100715084802/cap19.pdf>
- Castro, Ruy, *A ameaça .ainda sem nome*, Folha de São Paulo, 10/4/2024, <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2024/04/a-ameaca-inda-sem-nome.shtml>
- Christ at the checkpoint, *About Christ at the Checkpoint*, <https://christatthecheckpoint.bethbc.edu/about-christ-at-the-checkpoint/>
- \_\_\_\_\_, Blog <https://christatthecheckpoint.bethbc.edu/catc-blog/>
- Fosna, Friends Sabeel North America, *Ten Characteristics of Sabeel's Theology*, <https://www.fosna.org/palestinian-liberation-theology>,
- Irving, Sarah, *New book recounts living faith of Palestinian Christians*, The Electronic Intifada, 28/6/2013, <https://electronicintifada.net/content/new-book-recounts-living-faith-palestinian-christians/12572>

<sup>1</sup> todos os textos acessados em 16/4/2024.



- Isaac, Munther, *Palestinian Christians and the Promised Land, Churches Together in Britain and Ireland* (CTBI), 2018, <https://ctbi.org.uk/wp-content/uploads/2018/12/Palestinian-Christians-and-the-Land-2017-England.pdf>; Must the Land Divide? A Biblical Theology of the Land for Inclusivity and Reconciliation, Scholar Leaders, 2012, <https://www.scholarleaders.org/must-the-land-divide-a-biblical-theology-of-the-land-for-inclusivity-and-reconciliation/>
- Kairos Document, *A moment of truth -A word of faith, hope and love from the heart of Palestinian suffering*, <https://www.kairopalestine.ps/index.php/about-kairos/kairos-palestine-document>; disponível em espanhol: <https://www.oikoumene.org/es/resources/documents/kairos-palestine-document>;
- Khoury, G., *Christian-Muslim Arab Dialog in the Holy Land*. In: Arab Christians and Muslims: past, present and future, Al-Liqa Center, Bethlehem, 2006, <https://al-liqacenter.org.ps/?p=1715>
- Kuruville, Samuel, *Contextual Theological Praxis as Resistance: Palestinian Christian Peace-building in the Occupied West Bank*. In: Mary's Well Occasional Papers, Nazareth, Israel: Nazareth Evangelical Theological Seminary 2014), [https://www.academia.edu/5782901/CONTEXTUAL\\_THEOLOGICAL\\_PRACTIS\\_AS\\_RESISTANCE\\_PALESTINIAN\\_CHRISTIAN](https://www.academia.edu/5782901/CONTEXTUAL_THEOLOGICAL_PRACTIS_AS_RESISTANCE_PALESTINIAN_CHRISTIAN) Kuruville, Samuel, Radical christianity in the Holy Land: a comparative study of liberation and contextual theology in Palestine-Israel, Theology Department. University of Exeter, UK, 2010, [https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10036/71932/KuruvilleSJ.doc\\_PEACEBUILDING\\_IN\\_THE\\_OCCUPIED\\_WEST\\_BANK](https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10036/71932/KuruvilleSJ.doc_PEACEBUILDING_IN_THE_OCCUPIED_WEST_BANK)
- Magalhães, Thamiris (org.), *Palestina e Israel. A luta pela Paz Justa*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Nº 408 - 12/11/2012, <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao408.pdf>
- Masalha; Isherwood (eds.), *Theologies of Liberation in Palestine-Israel: Indigenous, Contextual, and Postcolonial Perspectives*, Pickwick Publications, 2014
- Merali, Arzu, Sharbaf, Javad (eds.), *Towards a new liberation theology: reflections on Palestine*, Islamic Human Rights Commission, Great Britain, 2009, [https://www.academia.edu/1981027/Towards\\_a\\_new\\_liberation\\_theology\\_reflections\\_on\\_Palestine](https://www.academia.edu/1981027/Towards_a_new_liberation_theology_reflections_on_Palestine)
- Munayer, Jack, *The False Paradigm of Isaac and Ishmael*, Christ At The Checkpoint, Blog ,<https://christatthecheckpoint.bethbc.edu/blog/2019/03/25/the-false-paradigm-of-isaac-and-ishmael/>
- Palestinian Feminist Collective, *Shut Down Colonial Feminism on International Day for the Elimination of Violence Against Women*, march

- 2023, <https://palestinianfeministcollective.org/shut-down-colonial-feminism-2023/>
- Rabinovich, Silvana, *De éxodos y esclavitudes. Leer la Biblia con los ojos de los cananeos*. In memoriam Edward Said, Actes du Groupe de Recherches sur l'Esclavage depuis l'Antiquité Année 2018 37 pp. 57-62, Persée, [https://www.persee.fr/doc/girea\\_0000-0000\\_2018\\_act\\_37\\_1\\_1277](https://www.persee.fr/doc/girea_0000-0000_2018_act_37_1_1277)
- Raheb, Mitri, *Decolonizing Palestine*, Orbis BooK, 2023; *Sailing Through Troubled Waters - Christianity in the Middle East*, Diyar Publisher, Bethlehem, 2013, [https://www.academia.edu/42158934/Sailing\\_Through\\_Troubled\\_Waters](https://www.academia.edu/42158934/Sailing_Through_Troubled_Waters)
- Raheb, Viola (2012), *Latin American with Palestinian Roots*, CreateSpace Publishing.
- Sabeel November 2024 Conference “Challenging Apartheid and Religious Extremism”, <https://sabeel.org/category/conferences/> (para mais informações envie um e-mail para [visit@sabeel.org](mailto:visit@sabeel.org)).
- Sarji, Marah, *The invisibility, the incarnation and Gaza*, Cornerstone, Issue 86, Christmas 2023, <https://sabeel.org/wp-content/uploads/2023/12/Cornerstone-86-FINAL2.pdf>
- Silva, Wallace Góis, *Teologia palestina da libertação: contextualização e diálogo pela paz justa na Terra Santa*, Anais do 28º Congresso Internacional da SOTER, GT 1 – Teologias da Libertação, 2016, [https://www.academia.edu/32577208/Teologia\\_palestina\\_da\\_liberta%C3%A7%C3%A3o\\_contextualiza%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_di%C3%A1logo\\_pela\\_paz\\_justa\\_na\\_Terra\\_Santa](https://www.academia.edu/32577208/Teologia_palestina_da_liberta%C3%A7%C3%A3o_contextualiza%C3%A7%C3%A3o_e_di%C3%A1logo_pela_paz_justa_na_Terra_Santa)
- Tamayo Juan José, *Teología palestina de la liberación: contra el colonialismo y el genocidio*. Boletín Religión digital. Enero 2024. En [https://www.religiondigital.org/el\\_blog\\_de\\_juan\\_jose\\_tamayo/Teologia-Palestina-Liberacion-colonialismo-genocidio\\_7\\_2631706806.html](https://www.religiondigital.org/el_blog_de_juan_jose_tamayo/Teologia-Palestina-Liberacion-colonialismo-genocidio_7_2631706806.html);
- Tiblê, Jean, Marx Selvagem, Annablume Editora, São Paulo, 2013, [https://www.academia.edu/29786527/marx\\_selvagem\\_primeira\\_edi%C3%A7%C3%A3o\\_2013\\_](https://www.academia.edu/29786527/marx_selvagem_primeira_edi%C3%A7%C3%A3o_2013_)
- Tønnessen, Liv, *Islamic Feminism*, Sudan Working Paper, CMI, Norway, 2022, <https://www.Cmi.No/Publications/File/5289-Islamic-Feminism-A-Public-Lecture-By.Pdf>
- Two Cities Podcast, *Palestinian Theology & Identity from a Feminist Perspective with Marah Sarji*, 12/10/2022, <https://www.thetwocities.com/culture/palestinian-theology-identity-from-a-feminist-perspective-with-marah-sarji-podcast/>
- Zaknoun, Yousef, Message of The Director, Welcome to Al-Liqa Center, <https://al-liqacenter.org/ps/>

**LARRY JOSÉ MADRIGAL**<sup>1</sup>. *Las claves del exterminio: rompiendo la historia tradicional*. Pappé, I. (Ed) *La cuestión Israel/Palestina*. London -New York, Routledge, 2007. Segunda edición. 304 páginas.

**The Keys to Extermination: Breaking the Traditional Narrative**. Pappé, I. (Ed) *The Israel/Palestine Question*. London -New York, Routledge, 2007. Second edition. 304 pages.

“Este año formativo [1948], personifica para los israelíes el punto más milagroso de su historia nacional, mientras que, para los palestinos, 1948 es el año más trágico y catastrófico en su historia. La mayoría de los mitos fundacionales israelíes giran en torno a la guerra y sus consecuencias. Desafiar estos mitos es más que sólo un debate histórico, arroja dudas sobre algunas de las principales suposiciones morales y percepciones que dominan la agenda nacional israelí”<sup>2</sup>. Este párrafo, incluido en la introducción del libro de Ilán Pappé, no sería extraño de encontrar entre la literatura académica occidental o latinoamericana que sigue el conflicto, pero a los ojos latinoamericanos sorprende que venga de un autor judío, exprofesor de la Universidad de Haifa en Israel.

Este libro, en su segunda edición de 2007, está escrito en inglés, con traducción pendiente al español y ya en portugués. Ilan Pappé es un historiador y académico israelí nacido en Haifa en 1954. Es conocido por su trabajo crítico sobre la historia moderna de Israel y el conflicto palestino-israelí. Pappé es uno de los llamados “nuevos historiadores” israelíes que han desafiado la narrativa oficial de Israel sobre su fundación y la consecuente expulsión del pueblo palestino en 1948. Pappé ha escrito numerosos libros sobre el tema, incluyendo “La limpieza étnica de Palestina” y “Los orígenes del conflicto árabe-israelí: 1881-1947”. Pappé es profesor de historia y director del Centro Europeo de Estudios Palestinos en la Universidad de Exeter, Reino Unido.

El trabajo de Pappé ha generado controversia y debate tanto en Israel como a nivel internacional, ya que ha resultado fundamental para entender las claves históricas y estructurales de la actualidad de la guerra y el exterminio palestino a manos de Israel. Su trayectoria vital como hijo de perseguidos políticos de los nazis y su servicio en los Altos del Golán como parte de las fuerzas israelíes de defensa son pistas importantes para ubicar sus eventuales desarrollos. Varias de sus opciones políticas, por ejemplo, el haber sido candidato por el partido *Hadash*, de orientación comunista y pronunciarse públicamente con su disenso sobre la historia oficial israelí, le han valido condenas del parlamento (*Knesset*) y amenazas de muerte que le hicieron dejar Israel. En su quehacer

---

<sup>1</sup> Maestro en Teología, Diplomado de la Escuela Bíblica Arqueológica Francesa de Jerusalén. Docente universitario, Investigador y formador en el Programa de Masculinidades del Centro Bartolomé de las Casas de Centroamérica (Email: larryjose@gmail.com).

<sup>2</sup> This formative year epitomizes for the Israelis the most miraculous point of their national history, while, for the Palestinians, 1948 is the most tragic and catastrophic year in their history. Most of the Israeli foundational myths revolve around the war and its consequences. Challenging these myths is more than just historical debate; it casts doubt on some of the principal moral assumptions and perceptions dominating the Israeli national agenda (Traducción propia, Introducción, p. 5).

académico ha apoyado documentación sobre masacres de palestinos en 1948, con no pocos debates y dudas desde el oficialismo. Todos estos datos de intensa trayectoria aumentan el valor de sus perspectivas sobre Palestina, considerando su biografía.

El libro que comentamos está organizado en cinco partes, cada una de las cuales contiene aportes de varias personalidades y eruditos palestinos e israelíes, especialistas en Medio Oriente y el conflicto. Esto es muy importante porque ilustra el deseo de revisitarse la historia del conflicto por parte de historiadores pertenecientes a las partes en conflicto. El libro también presenta trabajos con desarrollos historiográficos más amplios e interdisciplinarios, así como una saludable visión escéptica de las narrativas históricas, oficiales y más tradicionales de las elites.

La Introducción, “Nueva Orientación Historiográfica en la Investigación sobre la Cuestión Palestina”, de Pappé, vale cada palabra y está completamente actualizada, siendo en sí misma una guía fundamental para la compleja historia y política del Medio Oriente.

El propósito del libro es “introducir una metodología interdisciplinaria en la investigación, así como inyectar una visión más escéptica de las narrativas históricas escritas bajo las poderosas influencias de las élites y las ideologías nacionalistas”. Historia, sociología y ciencia política se entrelazan en esta perspectiva. Para las personas que no están familiarizadas con las historias del conflicto entre Palestina e Israel, las obras anteriores de Pappé, *A History of Modern Palestine* y *The Ethnic Cleansing of Palestine*<sup>3</sup> serían un buen lugar para comenzar, ya que la primera sección de esta colección de ensayos puede ser una lectura difícil si no se cuenta con algún conocimiento previo de la situación.

Una de las primeras preguntas abordadas es la identidad nacional palestina ubicada dentro de la geografía del Imperio Otomano. El primer ensayo analiza los escritos sobre “Palestina” concentrándose en la necesidad de examinar problemas básicos a nivel del pueblo, que típicamente han sido previamente ignorados, en lugar de hacerlo a través de los registros oficiales otomanos durante los siglos XVIII y XIX. Esto rompe con la visión “orientalista eurocéntrica” (es decir, la modernidad versus decadencia/terra vacía, rescatada por los judíos) y las disculpas israelíes sobre su propia historia cultural en la región. El ensayo es un resumen político de eventos en el siglo XIX que ayudaron a dar forma a las ideas de una nación de palestinos. Esto resulta muy diferente a la idea hegemónica en occidente de ver a Palestina como una reacción política para frenar/obstaculizar la posterior inmigración judía.

La historia que presenta el libro es diferente: había una fuerte presencia palestina en la tierra desde el siglo XIX, antes de la llegada organizada de judíos europeos. Un arreglo de ‘apartheid’ fortalecería la presencia judía y el creciente control colonial.

Eventualmente, la necesidad de adquirir y mantener tierras, y excluir o eliminar a la población indígena, llevó a muchas leyes en vigencia en el Israel

<sup>3</sup> “Una historia de la Palestina moderna” y “La limpieza étnica de Palestina” (traducción nuestra).

moderno (leyes matrimoniales, leyes de vivienda y zonificación, propiedad de la tierra, derechos de movimiento y transferencias, ley militar, y muchas otras hasta las declaraciones ideológicas sobre un “estado judío teocrático” excluyente).

La sección intermedia explora los problemas que rodean las acciones de 1948, ubicadas en su contexto histórico general con el diseño del movimiento sionista sobre la tierra. La visión cultural mítica contemporánea es que los palestinos resultaron hostiles a un plan razonablemente mandado por la ONU para compartir el país. Aparece el mito de una población judía superada en número y superada en poder que milagrosamente venció probabilidades tremendas para derrotar a los ejércitos árabes combinados que los habían atacado. Finalmente, el tercer gran mito es que los palestinos abandonaron sus ciudades y pueblos por instigación de sus propios líderes, dejándolos vacíos para la ocupación israelí. Los tres ensayos que discuten estos mitos los deconstruyen para presentar una imagen significativamente diferente.

Merece hacerse notar la parte III, en su aporte: “Revisitando la resolución de partición de la AGNU [Asamblea General de Naciones Unidas]”, Walid Khalidi primero examina la amnesia histórica con respecto a los eventos antes de la partición, eventos que demuestran que *La Nakba* (La Catástrofe) no fue el origen del “problema” palestino sino una catástrofe importante que se había estado construyendo desde hacía mucho tiempo. Khalidi se refiere al Programa de Basilea en el Primer Congreso Sionista en 1897, donde la “agenda oculta” se “explica con brutal franqueza y en un estilo imperialista clásico”. Cronológicamente, se refiere a la era del dominio británico en la que “el principal país democrático occidental suspendió la democracia en Palestina para facilitar, con bayonetas, el establecimiento de la infraestructura del poder sionista”. Contenido dentro de eso está la “desesperada rebelión nacional palestina” contra el informe de partición británico (conocido como Informe Peel, de 1937) que resultó en la consecuente destrucción de todas las organizaciones políticas y militares palestinas efectivas”.

Siguiendo estos eventos iniciales, convenientemente ‘olvidados’ en la amnesia de la historia, Khalidi desarrolla aún más los datos históricos reales sobre el terror judío contra los británicos, la creación de planes de guerra, el apoyo de los EE. UU., la falta de legalidad del plan de partición de la ONU de 1947 (enfaticando que no hay “compromiso” cuando un lado está superado en número y armamento) y su distribución desigual de tierras agrícolas fértiles y acceso al agua, todo a favor de los sionistas en el territorio palestino. El escenario para *La Nakba* estaba establecido mucho antes de la declaración de independencia de Israel. Pappé analiza *La Nakba* a partir del caso “Tantura”, una masacre de aldeanos palestinos, perpetrada por fuerzas de defensa israelíes, acaecida en 1948 en el poblado de Tantura. Dos ideas principales surgen de la discusión. La primera es que *La Nakba* debería examinarse desde el paradigma de la limpieza étnica, en lugar de como parte de la historia militar”, ya que “Tantura se destaca como un caso típico de la realidad de la limpieza étnica”. El segundo punto relacionado se refiere a la validez de la historia oral, con el punto de que “la historia

oral se utiliza extensamente en la historiografía israelí del Holocausto, pero se deslegitima por completo cuando es intentada por historiadores palestinos que reconstruyen La Nakba”. Pappé ve la historia oral “no como un sustituto del material de archivo”, sino como un medio para “llenar vacíos” de los registros oficiales o validados por la historiografía tradicional.

Las partes que pueden resultar más novedosas para el público latinoamericano lector de RIBLA vienen en la Parte 4: “Historia de las Mujeres”, donde Mahmoud Yazbak contribuye con: “Matrimonios de menores” y Khiyar Al-Bulugh con “Palestina Otomana: Una nota sobre las estrategias de las mujeres en una sociedad patriarcal”, para cerrar con “De los salones a los comités populares: mujeres palestinas, 1919–89”, por Islad Jad.

En esta parte, se revisa el papel que jugaron las mujeres dentro de la sociedad palestina y dentro del movimiento nacional, llegando a la conclusión de que, aunque las mujeres fueron activas en un papel político durante la primera intifada, y aunque se hicieron conscientes de los problemas sociales, “la división de género existente en el trabajo continúa colocando a las mujeres en el extremo inferior de la jerarquía familiar”.

La última sección presenta discusiones sobre la población árabe israelí y las diversas fuerzas políticas y legales que se les imponen. En “Crimen y Control Legal”, la visión criminológica israelí de la población árabe palestina requerirá “cierto grado de revisión”. Alina Korn (Universidad Hebrea, Israel) argumenta que el Régimen Militar impuesto a los ciudadanos árabes palestinos de Israel resulta en una tasa criminal atípicamente alta dentro de la población, el “sistema legal israelí fomenta el control político selectivo de la población árabe [aumentando] las posibilidades de que la minoría cometa delitos”. Muchas de las leyes fueron “diseñadas para controlar el movimiento de árabes dentro del dominio del estado” y “para controlar la entrada de árabes al estado, o su salida de este, y que definían su estancia dentro de sus fronteras como ilegal”. Estas leyes vuelven de nuevo al término estándar de “control de tierras” ya que las autoridades militares, que controlaban las áreas pobladas por árabes, usaban restricciones de viaje y áreas militares cerradas para alienar a la población de su tierra y prevenir cualquier organización de protesta. En esencia, la mera existencia del pueblo árabe constituía una amenaza para el estado israelí: el gobierno militar situaba “a toda la población árabe como actuando por definición en el ámbito de la seguridad; sus movimientos eran sospechosos y sus vínculos con la tierra recibían un significado amenazador de peligro para la seguridad nacional”.

La naturaleza etnocrática del estado de Israel presentada por As’ad Ghanem (Universidad de Haifa) identifica la ideología sionista prevalente como la que impide que los ciudadanos palestinos tengan derechos iguales a los disfrutados por los judíos. Aunque Israel puede tener los fundamentos institucionales físicos de la democracia, su lógica étnica niega la igualdad y la democracia a los ciudadanos árabes. No hay posibilidad de igualdad ya que la definición misma del estado indica un “estatus preferencial” para la población judía, resultando en una “discriminación legal básica a favor de los ciudadanos judíos en detrimento de los ciudadanos palestinos.” La conclusión de Ghanem es directa: “un régi-

men etnocrático gobierna en Israel, no uno democrático. Tal régimen se sitúa en un continuo con el régimen del *apartheid* en Sudáfrica y no puede considerarse como un régimen democrático normal”, incluso mientras la academia israelí “trabaja arduamente para promocionarlo en Occidente como una democracia”. El problema del control de la tierra regresa en el último capítulo “Ausentes Presentes y Resistencia Indígena” de Nur Masalha (St. Mary’s University College, Reino Unido), tema que surge bajo la Administración Militar y que “existió solo en las áreas en las que residía la mayoría de la población árabe de Israel”. La definición de “ausente presente” coloca al propietario de tierras palestino en una situación de doble vínculo ya que “la mayoría de los desplazados internos se han convertido en ausentes presentes por virtud del hecho de que se les confiscaron propiedades; muy pocos de ellos han recuperado alguna vez propiedad alguna”. La tierra, una vez confiscada, reside en perpetuidad con el pueblo judío. Superficialmente diseñada para “proteger” la propiedad de los propietarios ausentes, la Ley de Propiedad de Ausentes (1950) ha confiscado millones de dunums<sup>4</sup> de tierra y miles de millones de dólares en propiedades.

Habiendo resumido los principales hallazgos de este libro, se vuelve muy evidente, que las acciones israelíes, la ley israelí, las instituciones israelíes están diseñadas para acumular tierras para la población judía y al mismo tiempo controlar a las poblaciones árabe-palestinas dentro del estado etnocrático de Israel. La mera existencia del pueblo palestino -desde la primera escritura preparada por el Congreso Sionista de 1897, pasando por *La Nakba* de 1948 y las leyes resultantes de expropiación, hasta las luchas actuales por encerrar a los palestinos en regiones de *apartheid* cada vez más pequeñas- ha sido una amenaza para la causa sionista judía. Es la existencia del pueblo palestino, la que, con sus dolores, resistencias, tierra dividida y su no poder bajo los bombardeos lo que estorba. Allí están las raíces del exterminio, entre más pronto mejor para entonces hablar de una solución de los dos estados o con la que se está escuchando de nuevo de “un sólo estado, compartido e inclusivo”, pero manchado de sangre y olvido.

Finalmente, para el público lector en lengua portuguesa, este estupendo trabajo se encuentra disponible, con traducción de Ana Saldanha, en Editorial Caminho (Portugal).

---

<sup>4</sup> “Dunums” se refiere a una medida de área utilizada en Palestina, Israel y otros países. Un dunum equivale aproximadamente a 1,000 metros cuadrados o 0.1 hectáreas y suele medir la superficie de tierras agrícolas o de cultivo.